

Narrativas de Professores de Matemática sobre seus Enfrentamentos Cotidianos na Escola

Anderson Afonso da Silva¹

Heloisa da Silva²

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar o cotidiano escolar do professor de matemática, no que diz respeito às situações diversas de sua prática pedagógica. A proposta de pesquisa será conduzida a partir de narrativas de professores sobre os modos como têm enfrentado seu cotidiano escolar. Pretende-se apresentar significados que esses professores atribuem para os enfrentamentos encontrados no cotidiano de sua prática pedagógica. A História Oral será usada como metodologia de pesquisa qualitativa, fundamentando os propósitos investigativos, a preparação, a elaboração e a análise de entrevistas com professores de Matemática do Ensino Médio. Deste modo, consideramos que o alicerce do nosso trabalho são as narrativas que serão registradas a partir das entrevistas.

Palavras-chave: Cotidiano Escolar. História Oral. Educação Matemática.

1. Introdução

No período de desenvolvimento da iniciação científica desenvolvemos um trabalho em Educação Matemática, cujas preocupações se voltavam para como o professor de matemática da rede pública de ensino buscava solucionar os problemas e a melhoria do seu ensino em sala de aula. Os objetivos do trabalho foram verificar quais conteúdos os professores de matemática da rede de ensino público de Paranaíba – MS tinham dificuldades de ensinar, ou o aluno de aprender; identificar os motivadores desta dificuldade; analisar a necessidade dos professores por uma reflexão acerca desta situação e; por fim, propiciar a esses professores atividades relacionadas à utilização do livro didático.

Esses e outros estudos realizados em disciplinas da licenciatura em Matemática e durante o início da pós-graduação em Educação Matemática nos levaram a propor este

¹ Mestrando do Curso de Pós Graduação em Educação Matemática PGEM/UNESP - Campus de Rio Claro/SP.

² Professora Doutora de Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, PEGEM/UNESP - Campus de Rio Claro/SP.

projeto que tem como objetivo principal **investigar os enfrentamentos cotidianos do professor de matemática na escola.**

Como salientam Marli e André (1992), poderiam ser colocadas a mostra muitas situações do cotidiano escolar onde o confronto social está presente, onde encontros e desencontros se explicitam, onde aproximações e rejeições se manifestam, onde comportamentos de subordinação e de resistência vêm à tona. A partir dessas situações é possível reconhecer o ambiente de trabalho dos professores, suas demandas, decisões e enfrentamentos nesse ambiente. Mas, reconhecer como professores vivenciam ou enfrentam essas situações a partir de seus próprios pontos de vista, é distinguir os significados que elas têm para esses profissionais, perceber as manifestações daquilo que representa sua classe (a de professores) e também as suas subjetividades.

Pensando sobre esses aspectos, decidimos que a proposta desta pesquisa será conduzida a partir de narrativas de professores a respeito dos modos como têm enfrentado seu cotidiano escolar. Como afirma Delgado (2003), as narrativas orais ou escritas

“são suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integram a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias. Plenas de dimensão temporal têm na experiência sua principal fonte.” (DELGADO, 2003, p.22).

Esse objetivo pode ser mais explicitamente apresentado nas seguintes questões que nortearão este trabalho de pesquisa:

- Como o professor avalia situações que julga terem sido “um sucesso” em seu cotidiano escolar?
- Como o professor “inventa” os modos para conduzir seu cotidiano dentro (e fora) da escola?
- Como lida com o fracasso de algumas de suas propostas pedagógicas?

Assim, entendemos que por intermédio desta pesquisa, será possível encontrar significados que alguns professores atribuem para os enfrentamentos do seu cotidiano escolar, tanto quando se prepara para suas aulas como quando estão em sala de aula, ou ainda no ambiente escolar.

2. Revisão de literatura

Segundo Gallo (2007), podemos tomar o cotidiano da escola como o conjunto das coisas e situações que acontecem na sala de aula e para além da sala, na instituição escolar como um todo. Para este autor, na escola não se aprende apenas na formalidade da sala de aula, mas também na informalidade das múltiplas relações e acontecimentos que se dão no dia-a-dia da vida da instituição. Se o cotidiano da escola pode ser tomado como um conjunto de acontecimentos, ele nos coloca em prontidão, na medida em que não podemos, nunca, exercer absoluto controle sobre os acontecimentos. É nesse sentido que encontramos motivos para realizar uma pesquisa como este projeto propõe, de compreender os enfrentamentos de professores de matemática no cotidiano escolar dos dias atuais, percebendo quais conjuntos de acontecimentos eles têm se encontrado e como neles têm tomado suas decisões.

Assunção (1996) diz que o cotidiano escolar encontra-se impregnado de outros momentos sociais e entrelaça-se continuamente com eles. Isso faz com que o cotidiano seja muitas vezes orientado e vivido por meio de significados atribuídos a determinadas tarefas e comportamentos, assimilados e reelaborados nas relações estabelecidas, não só no espaço escolar (...) é no cotidiano, nas relações que se estabelecem entre os grupos, categorias, classes, raças que nascem as representações. E é para o cotidiano que as representações, por meio das interações, regressam e se manifestam, aí introduzindo necessidades que fazem nascer novas representações, novamente programando o cotidiano. Com relação a esse aspecto, pretendemos com este projeto ouvir dos professores de que forma reorientam e reelaboram as tarefas e relações do seu cotidiano escolar, além de quais aspectos consideram nessas reorientações e reelaborações.

Heller (1989) mostra que a vida cotidiana é a vida do homem por inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Justamente por esses aspectos ressaltados por Heller (1989) e Assunção (1996), que vemos importância em registrar os sentidos que os professores, cada um com sua vida dentro e fora da escola, dão para os seus enfrentamentos escolares cotidianos, já que a partir de uma compreensão de suas experiências por suas narrativas, podemos dar sentido para a prática, demandas e relações no ambiente de trabalho desses profissionais.

3. Relevância da Pesquisa

Pretende-se por intermédio desta pesquisa ouvir o professor de matemática da rede de Ensino Médio através de entrevistas, no sentido de compreender quais os seus enfrentamentos no cotidiano escolar.

Acreditamos que uma pesquisa como esta seja relevante primeiramente porque não encontramos pesquisas que tenham discutido explicitamente sobre esse assunto na área da Educação Matemática. Além disso, como mencionamos na breve revisão de literatura, o modo como os professores enfrentam as dificuldades e os sucessos em relação aos trâmites escolares, às burocracias, aos conteúdos, às cercanias da escola, à legislação, à (in)compatibilidade entre ser mãe/pai e professor dizem muito sobre esse profissional e seu ambiente de trabalho. Entendemos que são aspectos do cotidiano escolar que devem ser constantemente investigados, justamente para colaborar com a reflexão sobre os papéis que cada ator da educação deve desempenhar nesse ambiente.

Diante das perspectivas que o professor tem sobre o seu papel, suas práticas na escola, os professores poderão, através das entrevistas, apresentar os significados que atribuem para sua conduta tanto quando se prepara para suas aulas como quando se relaciona em sala de aula com alunos e colegas, ou na escola com seus pares, além dos fatores e enfrentamentos que direcionam (ram) seu comportamento nessas práticas.

4. Metodologia

A par dos propósitos investigativos, o desenvolvimento da pesquisa ocorrerá com a elaboração de um conjunto de questões com objetivo de indagar, por meio de entrevistas, professores de matemática da rede pública, que lecionam no Ensino Médio acerca dos seus enfrentamentos escolares cotidianos. Para tanto, realizaremos uma pesquisa com abordagem qualitativa.

Sobre pesquisa qualitativa, Lüdke e André (1986) apresentam algumas características que podem ser contempladas, por exemplo: o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Destacam, também, que os dados coletados são predominantemente descritivos e a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. Além disso, afirmam que deve ser dada

devida atenção ao significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, estes são focos de atenção especial do pesquisador.

Ainda sobre pesquisa qualitativa, Lüdke e André (1986) afirmam que a entrevista se mostra como principal instrumento realizado para a coleta de dados, já que possui vantagens sobre as outras técnicas de coleta de dados por permitir ao entrevistador a captação imediata e corrente da informação desejada. De acordo com essas autoras, a entrevista possibilita a obtenção direta da informação desejada, sempre adotando e mantendo uma postura de respeito pela cultura e também aos valores dos sujeitos entrevistados.

As mesmas autoras também chamam a atenção para a postura do entrevistador, que deve desenvolver capacidade de ouvir atentamente, estimulando o fluxo natural de informações por parte do depoente, e tomando o devido cuidado para que esta estimulação não force o rumo das respostas dos depoentes, mas sirva como estímulo para que o entrevistado se sinta seguro e tenha confiança no entrevistador.

Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais [...] quase todos os autores, ao tratar da entrevista, acabam por reconhecer que ela ultrapassa os limites da técnica, dependendo em grande parte das qualidades e habilidades do entrevistador. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.34-6).

As autoras ainda mostram que o tipo de entrevista mais usada por pesquisadores em Educação é aquela que não segue uma estrutura pré-estabelecida, mas aquelas que têm esquemas mais livres. Porém, acreditamos que mesmo havendo um roteiro de questões estabelecido não há prejuízos à pesquisa se o entrevistador tiver as habilidades sugeridas pelas autoras, pois mesmo com uma estrutura pré-estabelecida, o entrevistado terá a liberdade para falar sobre assuntos relacionados ao tema que não, necessariamente, estavam explícitos no roteiro.

A entrevista, portanto, ocorre num misto de igualdade e diferenciação: o depoente reconhece o pesquisador a ponto de abrir-lhe suas memórias e o pesquisador, por sua vez, aceita e respeita essas memórias registrando-as como significativas ao seu arquivo de vivências. Mas, ao mesmo tempo, é o estranhamento, o distanciamento, a diferenciação entre o pesquisador e o depoente – e, conseqüentemente, de suas vivências e memórias – que possibilitam a relação depoente-pesquisador-narrativa. (GARNICA, 2003, p.11).

Por ser a entrevista com professores um procedimento metodológico que adotaremos nesta pesquisa, a História Oral se mostra como uma metodologia apropriada, já que permitirá, pelo tratamento que dá às entrevistas, a documentação de narrativas sobre os enfrentamentos atuais do professor de matemática em seu cotidiano escolar.

Como afirma Portelli (1997), a História Oral não trata de fatos que transcendem a interferência da subjetividade; a História Oral *trata* da subjetividade, memória, discurso e diálogo. O autor salienta ainda que:

A História Oral tende a representar a realidade não tanto como tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido. (Portelli, 1997, p.16).

Tratando a História Oral como metodologia de pesquisa, Garnica (2002) ressalta que se apresentam algumas características que são apropriadas para uma investigação em Educação Matemática. Segundo o autor, os trabalhos inseridos em tal tendência, tendo como norte que o conhecimento histórico do passado, é um processo inacabado e que se transforma e se aperfeiçoa por meio do que conhecemos do presente; têm como preocupação geral retratar cenários que, baseados nas memórias expressas em testemunhos orais, dizem respeito à formação de professores de uma determinada época e localidade, ao cotidiano docente, à formação de grupos responsáveis pelo alicerçamento de movimentos, dentre tantos outros, com a finalidade de possibilitar a atribuição de significados e a compreensão das tramas constitutivas das práticas atuais.

Ao defendermos a história oral como uma metodologia, estamos a afirmá-la como uma ressonância entre pressupostos teóricos e procedimentos de pesquisa, ou seja, falamos de uma postura específica perante um conjunto de informações, ou ainda, perante sua construção. A história oral dialoga de forma muito próxima com a área da História por ser, em sua efetivação, uma possibilidade única de elaboração de fontes históricas e por possibilitar, na postura assumida perante fontes já constituídas ou agora elaboradas, a realçar a leitura de histórias distintas, de “verdades” plurais e co-existentes. (SOUZA e MARTINS-SALANDIM, 2007, p.2).

Assim, como também afirma Baraldi (2005), a entrevista é apenas uma etapa do projeto a ser desenvolvido sob a ótica da História Oral. Além disso, notemos que existem

modalidades a se conhecer nesta linha de pesquisa que ajudam a diferenciar o enredo das entrevistas segundo os objetivos da pesquisa. São elas a história oral temática, a história oral de vida e a tradição oral.

Segundo Baraldi (2005) a História Oral Temática está vinculada ao testemunho e à abordagem sobre um determinado assunto específico. Ela é um recorte da experiência de vida do colaborador e, não obrigatoriamente, concorre com a existência de pressupostos já documentados, fornecendo, então, outra versão histórica, onde todos os indivíduos são agentes históricos e os fatos lembrados são as substâncias que constituem a história.

A história oral de vida, no entanto, colocou-se como uma possibilidade de superar a mera aquisição de dados em favor da possibilidade de uma visão mais subjetiva das experiências dos depoentes (MEIHY & HOLANDA, 2007), ou ainda, como sendo a narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa (MEIHY, 1998).

No que diz respeito à tradição oral, Meihy (1998) afirma que essa trabalha,

com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto (...) Ainda que a tradição oral também implique entrevista com uma ou mais pessoas vivas, ela remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos folclore e pela transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos (MEIHY, 1998, p.53).

Deste modo, a modalidade de história de vida é a que se encaixa no que pretendemos realizar a partir deste projeto.

No GHOEM, intuímos que as pesquisas têm uma tendência em realizar entrevistas que envolvam a história de vida do depoente – mesmo quando a pesquisa abrange um tema específico –, considerando-se importante a apresentação e análise de possíveis conexões entre as diversas experiências contadas pelo entrevistado.

Assim, para as entrevistas pretendemos elaborar um roteiro de perguntas e situações direcionadas ao professor entrevistado que abordem os intuitos da pesquisa, a saber, a vida, a formação e situações de escola e sala de aula que lhe permitam falar sobre seus enfrentamentos cotidianos – já que, como visto na revisão de literatura, as práticas exercidas no cotidiano escolar se dão a partir de contínuos entrelaçamentos de momentos sociais e de significados atribuídos a eles e a tarefas cotidianas – para, posteriormente, a partir de suas narrativas, discutir sobre seus enfrentamentos cotidianos.

5. Procedimentos Metodológicos

Com relação aos procedimentos metodológicos, os entrevistados selecionados serão professores da rede pública de ensino das séries do Ensino Médio³. O contato com os professores poderá ser intermediado pelo (a) diretor (a) da escola ou por outros professores.

Pretendemos elaborar um roteiro de entrevista cuidadoso que envolva questões e situações que possam fazer o professor falar sobre seus enfrentamentos em conjunturas do cotidiano escolar.

No que se refere à realização da entrevista, antes do início de cada gravação, prestaremos esclarecimentos com relação à pesquisa e sobre a condução do trabalho. Além disso, cada professor receberá uma carta de apresentação da pesquisa, que tem por objetivo manter a integridade do depoente. Para que as entrevistas ocorram como planejado, mantendo a organização, os horários serão agendados de acordo com a disponibilidade de cada depoente.

Encerradas as entrevistas, iniciaremos as transcrições. A primeira versão será literal, a segunda, utilizada para análise, deixará de conter os vícios de oralidade, adquirindo a forma de textualização.

A textualização que, por sua vez, passa por um processo de legitimação pelo entrevistado torna-se, neste caso, um novo objeto – no sentido de que não se trata mais nem do que ocorreu no momento da entrevista, nem da transcrição do registro daquele momento – para o qual o entrevistado produz novos significados ao ler e sugerir alterações e acréscimos. A textualização (em seu desenvolvimento) pode ser vista, assim, como um processo colaborativo entre aquele que quer se fazer entendido – o entrevistado – e aquele que almeja produzir um texto com os pensamentos do outro – o pesquisador-entrevistado. (SILVA, 2010, p. 6).

De acordo com Silva (2010), ao textualizar as entrevistas, o pesquisador o faz com os olhos de quem analisa determinado(s) fenômeno(s) – isto é, busca responder determinadas questões.

Finalmente, a análise das entrevistas, fundamentada na História Oral, se dará através de *análise narrativa*. De acordo com Rolkouski (2006), as pesquisas que utilizam uma análise narrativa, procuram produzir, por sua vez, uma trama narrativa que torne

³ Optamos pela escolha de um único nível de ensino para não haver possibilidade de comparações das atitudes dependendo dos diferentes níveis de ensino, já que este não é objetivo deste projeto

significativos os dados recolhidos. Não se buscam elementos comuns, mas, sim, elementos singulares que configuram uma história.

No que diz respeito à análise narrativa Bolívar (2002), diz se tratar

El proceso de un análisis narrativo es, entonces, sintetizar un agregado de datos en un conjunto coherente, en lugar de separarlos por categorías. El resultado de esta integración narrativa es una comprensión en retrospectiva de los hechos pasados, según una secuencia temporal continua, para llegar a un determinado fin. Aquí el proceso recursivo se mueve de los datos obtenidos a la emergencia de una determinada trama argumental. Esta trama argumental determina qué datos deben ser incluidos, con qué orden y con qué final. (BOLÍVAR, 2002, p. 18) ⁴.

Bolívar (2002) investiga que a trajetória profissional geral dos professores de um determinado nível educativo, pode conter uma ampla coletânea de histórias de vida, que cobram pela sua própria extensão algum tipo de análise de dados (categorial, estrutural ou outros), mas, ao mesmo tempo, podem nos interessar determinadas histórias particulares para reconstruir narrativamente.

A nossa intenção nesse trabalho é poder construir uma narrativa que, a partir da análise de experiências narradas por alguns professores, apresente e discuta enfrentamentos atuais de professores de matemática em seu cotidiano escolar. Não pretendemos, com isso, generalizar a situação de um período ou classe de trabalhadores (no caso, de professores) em relação ao assunto, mesmo porque são muitas, variadas e ao mesmo tempo particulares as situações que analisaremos. No entanto, entendemos que um trabalho como esse pode trazer contribuições também singulares para as reflexões e discussões sobre o papel, a formação e a prática do professor de matemática.

6. Cronograma

Com o objetivo de desenvolver esta pesquisa no prazo previsto pelas normas do Programa de Pós - graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro, segue abaixo o cronograma proposto para organizar e desenvolver as atividades descritas.

⁴ Nossa tradução do trecho: “O processo de uma análise narrativa é, por isso, sintetizar um agregado de dados num conjunto coherente, ao contrario de separara-los por categorias. O resultado desta integração narrativa é uma compreensão em retrospectiva dos fatos acontecidos, seguindo uma sequência temporal contínua, para chegar a um determinado fim. Aqui o processo recursivo se movimenta dos dados obtidos à aparição de uma determinada trama argumental. Esta trama argumental determina quais dados devem ser inclusos, com qual ordem e com que final.”

ATIVIDADES	2011 (Trimestre)				2012 (Trimestre)			
	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
1. Conclusão das disciplinas obrigatórias	X	X						
2. Revisão de literatura	X	X	X	X	X	X		
3. Escolha dos professores	X	X	X					
4. Entrevistas				X	X	X		
5. Análise inicial dos dados				X	X	X		
6. Apresentação do seminário obrigatório							X	
7. Análise dos dados				X	X	X	X	X
8. Elaboração da dissertação para qualificação					X	X		
9. Exame de qualificação						X		
10. Redação final da dissertação							X	X
11. Defesa								X

7. Exeqüibilidade

Atualmente, por ser membro atuante do grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM)⁵, vinculado a UNESP de Rio Claro, e por este grupo ter desenvolvido muitas pesquisas em História Oral, consideramos esse projeto de pesquisa exeqüível. Ressaltamos também a experiência da orientadora desse trabalho, com relação à pesquisa em História Oral.

Além disso, até o presente momento, um contato inicial já foi realizado com professores que demonstraram interesse em participar da pesquisa.

No que diz respeito ao suporte técnico, temos o apoio dos materiais eletrônicos do GHOEM, a saber, gravador e filmadora.

Ao mesmo tempo, tendo já realizado parte dos créditos obrigatórios das disciplinas como aluno especial de mestrado e por morar na cidade de Rio Claro, poderei ter um melhor desenvolvimento da pesquisa.

⁵ Coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica (Depto de Matemática da UNESP – Bauru e PGEM – UNESP/Rio Claro). Site do grupo: www.ghoem.com.

8. Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Cotidiano escolar e práticas sócio-pedagógicas**. Em Aberto, Brasília, ano 11, nº 53, jan./mar. 1992.
- ASSUNÇÃO, M. M. S. **Magistério primário e cotidiano escolar** / Maria Madalena Silva de Assunção – Campinas, SP: Autores Associados, 1996. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.53).
- BARALDI, I. M.; GARNICA, A. V. M. **Traços e paisagens: a educação matemática nas décadas de 1960 e 1970**. Bauru, SP: Canal 6, 2005.
- BOLÍVAR, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa em educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**. Consultado em <http://www.investigacioncualitativa.es/Paginas/Articulos/Metodosytecnicas/Bolivar.pdf> no dia 28 de novembro de 2010.
- CAMARGO, A. M. F. **Cotidiano escolar – emergências e invenção** / Ana Maria Facciolli de Camargo e Márcio Mariguela (orgs.) / Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.
- DANILUK, O. S. **Alfabetização matemática: o cotidiano da escola**. Caxias do Sul: EDCS, 1991.
- DELGADO, L. A. N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. In: Revista da Associação Brasileira de História Oral, No. 6, pp. 9-25, 2003.
- GALLO, S. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, A. M. F. **Cotidiano escolar – emergências e invenção** / Ana Maria Facciolli de Camargo e Márcio Mariguela (orgs.) / Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.
- GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, CEMPEM-Unicamp, Campinas, v.11, n19, pp. 09-55, 2003.
- GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: cenários da formação de professores de Matemática no Brasil (AP 03). In: Profmat, 2002, Viseu – Portugal. **Actas**. Viseu-Portugal: APM, 2002b. 1 CD-ROM.
- HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária LTDA. São Paulo, 1986.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- MEIHY, J. C. S. B. & HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PORTELLI, A. **The death of Luigi Trastulli, and others stories:** form and meaning in oral history. New York: State University of New York, 1997.

ROLKOUSKI, E. . Possibilidades de Leituras: a vida como texto. **Cadernos de Educação** (UFPEl), v. 33, p. 37-56, 2009.

SILVA, H. **A História Oral como Instrumento no Desenvolvimento da Formação Inicial e Continuada de Professores de Matemática.** Projeto de Pesquisa. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

SOUZA, L. A.; MARTINS-SALANDIM, M. E. . História oral e Educação Matemática: possibilidades. In: IX ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática, 2007, Belo Horizonte. **Anais do IX ENEM-** Encontro Nacional de Educação Matemática, 2007. v. único.